

A QUESTÃO DA ALTERIDADE NA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE JEAN LAPLANCHE¹

Luís Claudio Mendonça Figueiredo
Instituto de Psicologia - USP

Neste artigo é apresentada uma síntese da Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche enfatizando-se a incidência decisiva do encontro com a alteridade — as mensagens enigmáticas do mundo adulto — nos processos de constituição e reconstituição do si. Em seguida, é posta em questão a própria noção de 'alteridade' assumida implicitamente por Laplanche: procura-se mostrar que o psicanalista francês trabalha com uma noção 'positivista' de alteridade em que esta é concebida como ente-já-constituído. Em contraposição, argumenta-se que a noção de 'enigma' exige uma ontologia não positivista em que a alteridade seja tomada como emergência, ou seja, como o que brota no acontecimento inaugural em que o si e o outro vêm a ser.

Descritores: Subjetividade. Psicanálise. Teoria psicanalítica. Tempo. Sedução.

Os textos de Jean Laplanche reunidos na coletânea *La Révolution Copernicienne Inachevée* (1992), em particular os últimos, em que sua *Teoria da Sedução Generalizada* é desenvolvida e posta a trabalhar,

1 Este trabalho foi preparado tendo como base o material de um curso ministrado na Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. A primeira aula deste mesmo curso foi publicada na revista *Percurso*, 11, em 1993, e pode ser consultada para maiores esclarecimentos ao projeto de pesquisa na sua globalidade.

têm como questão central os processos de constituição e reconstituição da subjetividade a partir do encontro com as alteridades. Neste artigo tomaremos como base dois capítulos deste livro (*Temporalidade e Tradução* e *O Tempo e o Outro*) para uma exposição crítica das idéias do psicanalista francês. Como se verá adiante, a crítica incidirá na própria compreensão da alteridade explicitada por Laplanche: a uma concepção em que a alteridade é vista como *ente-já-constituído* contraporemos uma concepção da alteridade tomada como o que emerge no mesmo processo em que se constitui o *si*.

Avançaremos procurando inicialmente uma sistematização das idéias principais através de breves considerações em torno de alguns temas:

1. *Tempo cósmico ou cosmológico, tempo do vivente, temporalização e historicidade*

Laplanche distingue quatro níveis em que o tempo pode ser trabalhado pela filosofia e pelas ciências: o tempo dos processos físicos, o tempo dos processos biológicos e das “vivências”, a temporalização ao nível da existência humana e, finalmente, a historicidade das coletividades. As contribuições de Freud para o *tempo perceptivo do vivente* são rapidamente apresentadas; trata-se na verdade de uma formulação não psicanalítica, embora de eventual interesse, acerca de como o modo de funcionamento dos aparelhos perceptivos gera uma temporalidade baseada na periodicidade dos ritmos de abertura e fechamento das vias de contato com o ambiente. Estes ciclos de abertura e fechamento seriam, talvez, expedientes através dos quais os organismos regulam suas exposições ao meio, evitando uma sobrecarga de estimulação. Desta periodicidade adviria o tempo da vivência.

2. *A questão da temporalização e as respostas implícitas da psicanálise*

Laplanche pretende trabalhar no terceiro nível, o da temporalização da existência, tentando desentranhar o que poderia ser uma teoria implícita da psicanálise acerca do processo existencial de temporalização. Para fazê-lo, contudo, Laplanche expõe a sua própria concepção do que seria o processo analítico e, em seguida, do que seria a subjetivação numa perspectiva psicanalítica pós-freudiana.

2.1. *A alteridade e o enigma*: todo o processo de constituição das subjetividades é deflagrado, segundo Laplanche, pelo encontro da criança com a *alteridade do adulto*. Não se trata apenas de *um* adulto em especial (*o sedutor*), mas do *mundo adulto*; por outro lado não se trata do mundo adulto como “o grande outro” lacaniano, mas de adultos concretos, particulares e diferenciados que “representam” o mundo adulto para a criança. Esta alteridade — esta mensagem outra — não é só a da diferença entre o adulto em relação à criança, mas a da *diferença do adulto para consigo mesmo*, ou seja, trata-se da *alteridade implicada no/pelo inconsciente do adulto como corpo estranho* e no que este inconsciente torna o adulto enigmático para si mesmo e, mais ainda, para a criança.

Assim sendo, a “hipocrisia” de que fala Ferenczi (1990, 1992) não é algo eliminável pela boa vontade ou pelo esforço de sinceridade do adulto. Em acréscimo, a sedução não é exercida apenas pelo adulto perverso, mas pelo *adulto-outro-enigmático*, isto é, por todo e qualquer representante deste *mundo adulto* com suas mensagens sempre *plurais, cindidas, equívocas, promissoras e excludentes*. Assim sendo, as mensagens do adulto serão necessariamente enigmáticas, pondo à prova e derrotando as capacidades e recursos simbólicos da criança.

2.2. *O enigma e a exigência de tradução*: efetivamente, os enigmas provenientes do mundo adulto impõem à criança uma tarefa inexequível e inadiável, a de traduzir, a de teorizar, a de simbolizar; a de metabolizar o corpo estranho implantado pelas mensagens enigmáticas. Uma parte mais ou menos substancial destes enigmas é *immetabolizável*, resistente ao trabalho tradutivo e vai se constituir, através do recalçamento

de *fragmentos* de mensagens enigmáticas, no inconsciente da criança. Estas partes intraduzíveis — que são ao mesmo tempo comunicadas, ignoradas e desmentidas (para usarmos o termo ferenciano) pelo adulto — são o ‘sexual’ (“*a sexualidade é o que se esconde das crianças*”, nos diz Laplanche). Mas, atenção: creio que não se trata de dizer que o ‘significado sexual’ é recalcado, mas de dizer que *é o recalque que constitui o ‘sexual psicanalítico’ enquanto tal*².

O não traduzido e intraduzível, esta *coisa impenetrável*, exercerá perenemente uma pressão, gerando uma *pulsão tradutiva* e, simultaneamente, impondo reiterados fracassos ao esforço tradutivo.

2.3. *As ocorrências de de-tradução*: em determinadas circunstâncias, *acontecimentos* naturais, como o luto, ou ‘artificiais’, como a interpretação psicanalítica, promovem movimentos de-tradutivos, movimentos de *destecimento* ou *desligamento dos elementos de uma trama*. Esta trama, ao mesmo tempo que reunia e significava alguns elementos, resistia, por outro lado, à emergência dos que ficaram excluídos, como resíduos não traduzidos, como *corpos estranhos, objetos-fonte de pulsão*. As de-traduições propiciam novas possibilidades de tecimentos, eventualmente mais ‘fluentes’ e ‘continentes’ e menos rígidos e recalcentes. Ou seja: a de-tradução beneficiaria ‘melhores’ re-traduições.

2.4. *Os enigmas, as traduções na posterioridade, as de-traduições, as re-traduições posteriores e a seqüência dos ekstases temporais — presente, passado e futuro*: o que Laplanche sugere é que a temporalização se dá através dos movimentos gerados pelo enigma, ou seja, pela implantação de um a-traduzir, que ao mesmo tempo obriga o sujeito a um trabalho de tradução/tecimento (sempre imperfeito) e torna, dada a imperfeição, qualquer tradução/tecido (ou trama) precária,

2 Ao falar em ‘sexual psicanalítico’, e não em ‘sexualidade’ como Laplanche na frase acima transcrita, estou tentando diferenciar este conceito do que seria um ‘sexual biológico’ - um dado da natureza - e do que seria a ‘sexualidade’ tal como tratada, por exemplo, por Foucault (*História da sexualidade I: a vontade de saber*, 1984). O sexual psicanalítico seria o que se constitui pelas e nas exclusões (o que se ‘esconde’ ou o que se ‘desmente’) impostas à criança pelos representantes do mundo adulto, eles mesmos cindidos.

vulnerável a de-traduições e tendendo para re-traduições. *A história se faz nas posterioridades dos encontros com os enigmas a-traduzir, sob o impacto destes enigmas ou sob a pressão de suas ressurgências* (os retornos ‘enigmáticos’ do recalcado, por exemplo, num sintoma). Estes impactos é que levam do presente — o presente do encontro com um a-traduzir atual ou ressurgente — ao passado, num movimento de-tradutivo, e deste conduzem à abertura de um novo futuro, através de re-traduições.

2.5. *A temporalização entre o determinismo e a construção livre do sentido*: assim, uma teoria psicanalítica da temporalização estaria livre tanto do determinismo próprio de um realismo ingênuo — “passado determina presente e este determina futuro” — como de um puro construtivismo em que só no futuro, na posterioridade, se decide e se constrói o sentido do passado, o que retira deste passado qualquer eficácia própria. Nos dois casos, na verdade, o que mais se empobrece é o presente: sob a ótica determinista, o presente nada mais é que decorrência do passado e nada nele pode acontecer de fato; na ótica oposta, o futuro decidirá do sentido do passado e, portanto, do sentido do que hoje ainda é ‘presente’. Assim, nada do que se dá aqui e agora pode incidir efetivamente na marcha da temporalização³. Para que no presente algo se possa dar de crítico e decisivo fazem falta noções como a de acontecimento e de transpassibilidade⁴; embora Laplanche não faça uso delas, elas estão como que ausentemente presentes na sua teorização acerca dos impactos de enigmas a-traduzir. *Enigmas a-traduzir, implantados como objetos-fonte de pulsão, nem contêm em si mesmos todas as possibilidades futuras de*

³ Esta seria a posição que Laplanche atribui equivocadamente a Heidegger, mas que está realmente presente em concepções que sobrestimam as construções na posterioridade como as de Danto e Droysen (cf. Georgia Warnke, *Gadamer: Hermeneutics, Tradition and Reason*, 1987); no campo da psicanálise, Viderman (1990) está próximo a esta posição.

⁴ Estas noções foram trabalhadas em meu texto *Fala e acontecimento em análise. Percursos* (1993). Neste artigo defino o acontecimento como “uma ruptura na trama das representações e das rotinas” e, nesta medida, como a “figura paradigmática da alteridade”; quanto ao conceito de “transpassibilidade”, emprestado a Maldiney (1991) refere-se à “passibilidade ao inesperado, ao surpreendente, ao impossível, ao inacreditável”.

um sujeito, como se fosse um script a ir sendo recitado ao longo de uma vida, nem se submetem docilmente a qualquer tradução a posteriori. Ao contrário: não se submetem a nenhuma tradução e, exatamente por isso, exigem um permanente trabalho re-tradutivo.

No entanto, se na minha leitura de Laplanche sinto-me à vontade para discernir a necessidade e a possibilidade de introduzir uma noção como a de acontecimento, sinto-me também obrigado a considerar o fato de que ele próprio não a introduz. Isto me leva a elaborar uma leitura crítica de sua obra.

Realmente, em que pese o instigante das propostas de Laplanche, elas suscitam inúmeras questões, algumas das quais já enunciadas pelo debatedores, e, em particular, por Maurice Dayan⁵. Antes de expor, porém, estas questões já debatidas, iniciarei colocando outras que me parecem ainda mais básicas. Começarei tratando do que poderia ser chamado de o *positivismo realista* de Laplanche.

Para início de conversa, vale assinalar que o termo positivismo não está sendo aqui usado como acusação, mas corresponde ao que o próprio Laplanche disse de si mesmo em resposta a uma questão de Zeljko Loparic, quando de sua fala na PUCSP em setembro de 1993⁶.

O que significa ser (e dizer-se) positivista?

Significa tomar os entes na sua positividade... e nada mais; ou seja, significa lidar-com e focalizar apenas os fenômenos já entificados,

⁵ Os debates com Maurice Dayan, Pierre Férida e J. Gagey foram transcritos em continuidade à Conferência *Temporalité et traduction*.

⁶ A questão dizia respeito exatamente à ausência na teorização laplancheana de qualquer possibilidade de uma existência pré-objetal (que nada tem a ver com um *estágio anobjetal* no sentido tradicional do termo); este modo de existência em que sujeito e objeto não estão perfeitamente diferenciados e em que o 'outro' é *mundo circundante* e não *objeto*, pode ser ilustrado com as formulações de Ferenczi e Winnicott e outros autores do grupo independente da escola britânica de psicanálise. Enfim, o que Loparic questionava era, creio eu, o *estatuto do outro* que, segundo Laplanche, é sempre um outro já objetivado. Foi diante deste questionamento que o psicanalista francês 'confessou' seu positivismo, no que estava sendo absolutamente sincero.

já constituídos e re-presentados. Será, porém, que enigmas podem ser tomados desta maneira? Será que o positivismo de Laplanche faz justiça à sua intuição teórico-clínica que concede aos enigmas uma função destacada na subjetivação? Creio que não: falar em enigmas é já comprometer-se com um 'algo' que deixou de ser e ainda não é. Há nos enigmas uma falta — a falta de sentido, a falta de função — e um excesso — uma espécie de sobra irreduzível e promissora. Efetivamente, se o enigma fosse apenas o 'sem-sentido' ele não engendraria a pulsão tradutiva cuja função será exatamente a de lhe dar um *é*. Nesta medida, enigmas devem e precisam ser entendidos como um momento de um processo que implica perda e reconstituição. Em outras palavras, enigmas não possuem a positividade dos entes simplesmente dados, nem a sólida funcionalidade dos instrumentos à mão e para dar conta deles seria necessária uma outra ontologia que não a positivista.

No entanto, em que pese a introdução desta noção, Laplanche é realmente positivista ao tratar de algumas questões básicas para a sua teorização.

Fundamentalmente, este positivismo se traduz na dificuldade de Laplanche livrar-se de uma noção pré-crítica de 'outro' e no seu desconhecimento de como se dá a *emergência da alteridade*.

Quando Laplanche fala do 'outro' e de sua alteridade ele se coloca no ponto de vista realista em que, naturalmente, o adulto é o outro da criança. Ele não é capaz de tratar da *alteridade como emergência*, ou seja, ele não faz o trabalho fenomenológico que dá conta da *emergência simultânea de uma alteridade e do si como o protótipo de todos os acontecimentos, como o acontecimento inaugural*. Para Laplanche o outro é desde sempre um objeto a oferecer mensagens à criança e nunca o mundo circundante e, nesta medida, matriz de todas as traduções primitivas.

O outro funcionando como parte do si (a rigor ainda não há neste momento um si plenamente constituído, e a expressão 'parte do si' acaba incorrendo também ela numa falácia realista) foi o que levou, por exemplo, Kohut a cunhar o termo self-objeto, na mesma linha em que Winnicott falara em mãe ambiente e que Bollas veio a propor o

termo objeto transformacional⁷. Muito antes deles, contudo, e numa abordagem fenomenológica, estas posições do mundo adulto e da criança foram tratadas por Scheler (1923/1971) que disse: “o homem vive de início e principalmente dentro dos outros e não de si mesmo” (p.335). Ao que acrescentei num outro trabalho:

De início estamos todos, assim, ‘dentro’ dos outros, sejam os outros família, classe social, nação, tradição, sistema linguístico etc. É este ‘outro’, anterior ao ‘eu’ ao ‘tu’ e ao ‘ele’, é este ‘outro’ indiferenciado — e que nesta medida precede a emergência da alteridade — que antes de aprendermos a fazer e a dizer ‘eu fiz’, antes de aprendermos a pensar e a dizer ‘eu pensei’, antes de querermos e de dizer ‘eu quero’, já faz, já pensa, já quer e já sente por nós (Figueiredo, 1991).

Segundo Max Scheler a diferenciação nunca será total: estamos sempre em maior ou menor medida imersos neste ‘outro’ (e sendo atravessados por ele); a este ‘outro’ Heidegger chamará de “o impessoal” e é o ‘quem’ que nos oferece um mundo sempre já pré-compreendido. É desde aí que podem emergir os outros positivados com suas alteridades, é aí que podem eclodir os acontecimentos, é deste pano de fundo que se podem destacar os enigmas.

Parece-me, contudo, que a contribuição de Laplanche é valiosa não só por insistir na outra face da moeda — o outro enigmático, sedutor e traumatizante — como por também enfatizar que este outro é outro para si mesmo, ou seja, contém uma diferenciação interna. Ora, esta idéia de um outro cindido e plural poderia proveitosamente ser incorporada também ao ‘outro’ (aparentemente) indiferenciado de Max Scheler ou ao outro como self-objeto ou como ambiente de que nos falam Kohut e os psicanalistas do grupo independente. Esta cisão, inclusive, seria, provavelmente, a condição da emergência da alteridade positivada. Assim sendo, a medalha nos seus verso e reverso nos mostraria que a cada vez que alguém me aparece como *outro*, uma ‘parte’

⁷ Ver, a propósito Kohut (1988), Winnicott (1983) e Bollas (1994).

ou ‘partes’⁸ deste alguém já estão fazendo ou fizeram o seu trabalho matricial, ou seja, já estão presentes como ‘meu’ mundo, como o ‘meu’ código de interpretação. Seria, portanto, possível conceber este ‘outro-mundo-circundante’ como atravessado por cisões e não como homogeneidade (por exemplo, como constituído pelo amor e pelo ódio e pelos movimentos de retenção e de expulsão, de cuidados e de exploração, de ajuda e de vingança dos pais para com seus filhos, e, em geral, por todas as suas ambivalências diante do mundo e de si mesmos, etc.). Seria apenas a partir do conflito entre estas ‘partes’ incorporadas do ‘outro-mundo-circundante’ que uma alteridade positivada pode irromper diante da criança.

A respeito desta questão, valeriam alguns comentários suplementares a partir de Ferenczi (1993), que nos oferece uma contribuição importante no seu artigo. O problema da afirmação do desprazer (p.393-404). Neste texto ele rastreia a emergência de uma “percepção de objeto” do outro na sua alteridade (ou seja, de uma percepção do outro como objeto) desde uma presença pré-objetal do outro como (nos termos heideggerianos que estou adotando) mundo circundante. Na condição de mundo-circundante a mãe não pode ser ‘objeto’ de qualquer sentimento. É só quando sucessivas experiências de frustração e privação versus experiências de satisfação operam o “desintrincamento pulsional” e separam amor e ódio que a mãe se objetaliza, tornando-se a “matéria para uma representação de objeto”. Ele conclui dizendo:

Queremos somente acrescentar que a ambivalência de que acabamos de falar, ou seja, o desintrincamento pulsional é absolutamente necessário para que apareça uma percepção de objeto (Ferenczi, 1993, p.397, grifos do autor).

Enfim, é da natureza conflituosa do outro-mundo-circundante que, mediante o desintrincamento pulsional, emerge um outro objetalizado como alvo de amor e ódio simultâneos. É o relativo e sempre instável

⁸ As aspas simples em parte ou partes decorre, novamente, do fato de que estes termos, e infelizmente não disponho de outros, sugerem uma existência objetivada do outro que é exatamente o que estou tentando refutar.

equilíbrio entre amor e ódio que conservam o outro na justa distância em que pode ser “matéria para uma representação de objeto”. Diz Ferenczi:

as coisas que nos amam sempre, ou seja, que satisfazem constantemente todos os nossos desejos, não tomamos conhecimento delas como tais, incluímo-las simplesmente em nosso ego subjetivo; as coisas que nos são e sempre nos foram hostis, recalçamo-las simplesmente (1993, p.397).

É preciso que benevolência e hostilidade coexistam para gerar o desintrincamento pulsional que gera e sustenta a objetividade. De maneira mais ampla e retomando Laplanche, poderíamos dizer que é preciso que o outro-mundo-circundante seja outro para si mesmo para que venha a ser outro para a criança.

A esta compreensão da alteridade como emergência, ou seja, do processo que leva do *outro-mundo-circundante* ao *outro objetivado na sua alteridade* poderia também ajudar uma rápido passeio pelo campo da psicologia histórica sob a tutela de Detienne (1988).

Para os gregos, o estrangeiro (*ksénos*)

não se refere ao não-grego, ao bárbaro de fala ininteligível, mas ao cidadão de uma comunidade vizinha (...) Para ser chamado *ksénos*, um estrangeiro deve, pois, *pertencer ao mundo helênico, idealmente constituído pelo conjunto de homens que tem o mesmo sangue, mesma língua, santuários e sacrifícios comuns* (Detienne, 1988, p.21, grifos meus).

Ora, o que ressalta desta compreensão é que a pré-condição da estrangeirice é uma anterior presença do ‘estrangeiro’ como pertencente ao mundo helênico, ou seja, só é estrangeiro aquele que antes de mais nada foi e é parte do mundo circundante. Na ausência desta co-pertinência não se pode constituir uma alteridade humana: o bárbaro está para além dos limites em que a alteridade pode emergir, já que, destituído de uma língua humana, ele não pode emitir mensagens; muito menos, mensagens enigmáticas.

A Questão da Alteridade na Teoria da Sedução Generalizada...

Em acréscimo, haveria que se assinalar o fato de que a chegada do estrangeiro impõe aos cidadãos os deveres da hospitalidade privada: É com efeito um simples cidadão, em sua privacidade, que se encarrega de acolher e de proteger um estrangeiro em trânsito (Detienne, 1988, p.23-4).

Ou seja, exatamente porque o estrangeiro emerge desde um plano de comunidade constituinte, não há como evitá-lo e barrar sua entrada. É lá 'de dentro' deste acolhimento que ele se poderá revelar na sua estranheza.

Um outro aspecto da questão diz respeito ao fato de que o outro-mundo-circundante deve ser concebido nas suas pluralidades e, portanto, nas suas possibilidades de surpresas. Retomando a noção de ksénos, só vem a ser estrangeiro quem, pertencendo a uma comunidade de sangue e de língua, surge de uma cidade vizinha, com suas formas de vida mais ou menos diferenciadas. Só daí vem o estranho familiar do ksénos.

Concluindo, gostaria de propor a tese de que não é a alteridade do outro que surpreende, mas que é a surpresa diante de alguém-que-sendo-parte-do-mesmo-é-outro, o que constitui o outro na sua alteridade. De uma certa forma, a surpresa surpreende porque provém do que parecia mais próximo e familiar.

FIGUEIREDO, L.C.M, The Question of Alterity in Jean Laplanche's Theory of Generalized Seduction, *Psicologia USP*, São Paulo, v.5 n.1/2, p.297 - 308, 1994.

Abstract: This paper presents a synthesis of the Generalized Seduction Theory of Jean Laplanche emphasizing the encounter with alterity in the processes of constitution and reconstitution of the self. Then, the very notion of *alterity* implicit in Laplanche's work is discussed. An alternative conception is proposed; here alterity is conceived as 'emergency' and happening in the same process of self-constitution.

Index terms: *Subjectivity. Psychoanalysis. Psychoanalytic theory. Time. Seduction.*

Luis Claudio Mendonça Figueiredo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLLAS, C. *A sombra do objeto. Psicanálise do conhecido não pensado*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- DETIENNE, M. *Dioniso a céu aberto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- FERENCZI, S. *Diário Clínico*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- FERENCZI, S. *Obras completas IV*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- FERENCZI, S. *Obras completas III*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- FIGUEIREDO, L.C.M. Fala e acontecimento em análise. *Percurso: Revista de Psicanálise*, n.11/12, p.45-50, 1993.
- FIGUEIREDO, L.C.M. A questão da intersubjetividade, uma falsa questão. São Paulo, 1991. /Mimeografado/
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- KOHUT, H. *A restauração do self*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- LAPLANCHE, J. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, Aubier, 1992.
- MALDINEY, H. *Penser l'homme et la folie à la lumière de l'analyse existentielle et de l'analyse du destin*. Grenoble, Jerome Millon, 1991 .
- SCHELER, M. (1923). *Nature et formes de la sympathie*. Paris, Payot, 1971.
- VIDERMAN, S. *A construção do espaço analítico*. São Paulo, Escuta, 1990.
- WARNKE, G. *Gadamer: herméneutique, tradition et raison*. Bruxelles, De Boeck Université, 1991.
- WINNICOTT, D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.